



CONSTRUÇÃO DO MITO LUÍSA MAHIN A PARTIR DOS FRAGMENTOS DE MEMÓRIA DO LUIZ GAMA

CONSTRUCTION OF THE MYTH LUÍSA MAHIN FROM THE FRAGMENTS OF LUIZ GAMA'S MEMORY

Silnara Faustino¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever a construção de um mito: Luísa Mahin; a partir dos registros escritos por Luiz Gama, intelectual autodidata do século XIX, filho da ilustre Luísa. Segundo o próprio Luiz Gama, a convivência com sua mãe se deu nos primeiros sete anos, dos seus cinquenta e dois vividos. Por conta do pouco tempo em que estiveram juntos, é possível presumir que muitos desses relatos se deram por fragmentos de sua memória. A partir das palavras de Gama, mesmo sem comprovações históricas, nasceu Mahin; uma mãe que nascera do próprio filho. Conforme suas próprias palavras, era filho de uma negra africana de nome Luísa Mahin, uma mulher forte e plural, que foi quitandeira laboriosa e também revolucionária em insurreições escravas. A riqueza de detalhes, com a qual descreve sua mãe, gera, mesmo sem comprovações históricas, um efeito de veracidade e consequentemente uma crença em sua existência. Além da carta, ela também aparece em versos de alguns poemas de Gama, o que também revela sua figura como inspiração para filho, principalmente nas obras em que aborda sua luta pela abolição e libertação de negros escravizados. O mito Luísa Mahin, é hoje evocada pelo movimento negro, atendendo a uma demanda que busca o protagonismo negro na história do País, e em especial, a necessidade de valorização da mulher negra na história.

PALAVRAS-CHAVE: Luísa Mahin. Luiz Gama. Construção do Mito.

ABSTRACT

This article deals with the construction of Luísa Mahin, based on the records written by Luiz Gama, a self-taught intellectual of the 19th century. According to Luiz Gama himself, living with his mother took place in the first seven years of his fifty-two years. Due to the short time they were together, it is possible to assume that many of these reports were due to fragments of their memory. From the words of Gama, even without historical evidence, Mahin was born; a mother who was born of her own son. According to his own words, he was the son of a black African woman named Luísa Mahin, a strong and plural woman, who was a laborious grocer and also a revolutionary in slave insurrections. The richness of details, with which he describes his mother, generates, even without historical evidence, an effect of veracity and consequently a belief in his existence. In addition to the letter, she also appears in verses from some of Gama's poems, which also reveals her figure as an inspiration for her son, especially in the works in which she addresses her struggle for the abolition and liberation of enslaved blacks. The myth Luísa Mahin, today is evoked by the black movement, meeting a demand that seeks black protagonism in the history of the country, and in particular, the need to value black women in history.

KEYWORDS: Luísa Mahin. Luiz Gama. Construction of the Myth.

¹ Aluna do curso de bacharelado em História, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: nanafaustino@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Luiz Gonzaga Pinto da Gama foi um importante nome no universo das letras, do direito e do jornalismo na sociedade paulistana do século XIX. Gama era negro e ex-escravizado e ocupava um espaço primordialmente composto por homens brancos. Apesar do status social alcançado, ele não abriu mão de sua identidade enquanto negro, algo perceptível em suas obras literárias, bem como em suas atuações no jornalismo e no direito. Nas profissões que exerceu durante a vida, Luiz Gama se dedicou a causas negras, atuando em causas tais como: de alforriamento de escravizados, libertação de negros forros mantidos sobre o regime e na luta pela abolição.

No fim de sua carta [...] expressa seus grandes feitos na luta pelo fim da escravatura: sua atuação, como advogado, na libertação de negros; suas denúncias, na imprensa, dos acordos para manutenção do trabalho escravo; e seus poemas ácidos, que satirizavam e ao, mesmo tempo, expunham as mazelas do poder imperial e dos senhores de escravos (SANTOS, 2010, p. 31-32).

As aspirações e inspirações de Luiz Gama parecem ter como fonte sua mãe, Luísa Mahin, que surge em uma carta escrita por ele, enviada ao jornalista Lúcio Mendonça, em 1880. Segundo essa carta, Gama convivera com a mãe poucos anos de sua vida, de 1830 a 1837, no entanto, Luísa sempre esteve presente em suas produções, ora de forma direta, sendo citada ou como objeto de sua escrita, ora como origem dessa identidade, não só por uma herança genética, mas ao que parece, a herança de um legado de uma luta, de uma causa e de uma identidade negra.

De um lado temos Luísa, uma figura que com suas participações insurreições escravas vai ao encontro da luta investida pelo filho até o fim de sua vida; e do outro a figura de um pai fidalgo, que o reduz a escravidão, mesmo tendo nascido livre, e rejeita o instinto e sentimento paterno, exercendo ilegalmente um falso direito de senhor.

Segundo o que foi registrado em uma carta escrita por Gama foram poucos os anos de convívio com a mãe. A partir desse contexto podemos inferir que suas informações e inspirações se dão a partir de fragmentos de sua memória. Trata-se de uma memória evocada por um homem de cinquenta anos, conforme conta a história essa era a idade que ele tinha em 1880, dois anos antes de sua morte. Os poucos registros sobre a vida de Luísa podem se dar por vários fatores, dentre eles, o avançar do tempo, as fortes emoções em que muitos desses



fragmentos são transcritos por Gama em papel e sua sede em reafirmar sua identidade negra, a partir de sua origem materna.

Uma mulher que existira nas lembranças de seu filho, concebendo em Luiz a memória do que seria sua mãe e servindo de elemento chave para construção de sua identidade e luta. Na atualidade, Luiza Mahin é uma figura importante para o Movimento Negro, representando a força de uma mulher negra africana, escravizada, que conquistou sua liberdade, mas não deixou de lutar pelos seus. Mahin faz parte de uma memória coletiva que serve de exemplo para ações futuras.

2 LUIZ E LUÍSA: UMA MÃE QUE NASCERA DO PRÓPRIO FILHO

Quem foi Luiz Gonzaga Pinto da Gama? Gama foi um negro livre, intelectual autodidata do século XIX, advogado sem diploma (rábula), jornalista e poeta tido como iletrado até os 17 anos de idade. Nasceu em Salvador, na Bahia, em 1830. Conforme suas próprias palavras, era filho de Luísa Mahin, uma negra nascida em África. Uma mulher lidadora, quitandeira em Salvador e também rebelde em insurreições escravas. Mesmo sem comprovações históricas, surgiu o nome de Mahin; uma mãe concebida a partir de relatos do seu filho. A vida e existência de Mahin são paradoxalmente cheia de lacunas e o pouco que se sabe sobre sua existência se resume aos relatos do filho, escrito em carta enviada a Lúcio Mendonça, seu amigo e biógrafo.

A carta de Gama endereçada a Mendonça é datada de 25 de julho de 1880. No momento em que a carta foi escrita, Gama já se encontrava debilitado em decorrência do diabetes, que fora acometido e o levaria à morte dois anos depois. A “doença, muito provavelmente, foi o motivo da pressa de Mendonça para obter informações da vida de Luiz Gama” (SANTOS. 2010, p. 15-22).

Nasci na cidade de São Salvador, capital da província da Baía [*sic*], em um sobrado da Rua do Bângala, formando ângulo interno, na quebrada, lado direito de quem parte do adro da Palma, na Freguesia de Sant’Ana, a 21 de junho de 1830, pelas 7 horas da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na igreja Matriz de Sacramento, da cidade de Itaparica. Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina, (nagô de nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a côr [*sic*] era um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos com a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comercio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Baía [*sic*] foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da revolução do Dr.



Sabino, na Baía [sic] veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Côrte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas que conheciam-na e que deram-me sinas certos, que ela, acompanhada com malungos desordeiros, em uma “casa de dar fortuna”, em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como seus companheiros desapareceram. Era opinião dos meus informantes que esses “amotinados” fossem mandados pôr fora [sic] pelo governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres tidos como provocadores.

Nada mais pude alcançar a respeito dela. Nesse ano, 1861, voltando a São Paulo e estando em comissão do governo, na vila de Caçapava, dediquei-lhe os versos que com essa envio-te (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 17-18).

Como descrito na carta, Gama encaminhou, junto ao documento, um poema em homenagem a Mahin no momento em que soube da possibilidade real de sua deportação do Brasil.

Minha Mãe
Era mui bela e formosa
Era a mais linda pretinha
Da dista Libria rainha
E no Brasil pobre escrava!
Ó, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando co’os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava

Eramos [sic] dois – seus cuidados,
Sonhos de sua alma bela;
Ela a palmeira singela,
Na fulva areia nascia.
Nos roliços braços de ébano
de amor o fruto apertava,
e a nossa boca juntava
um beijo seu, que era vida,
[...]
Se junto à cruz penitente,
A Deus orava contrita,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro;
As lagrimas [sic] que brotavam,
Eram perolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do cativo (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 19-21).

Nesse recorte são apresentados alguns versos do poema e é possível perceber o afeto e saudosismo de um filho pela sua mãe amorosa. Além de todo o afeto e apreço que Gama versa neste poema, encontram-se ali registradas informações novas, não relatadas em sua carta, como também contradições que vão de encontro com as palavras escritas ao seu amigo. No verso “Eramos [sic] dois – seus cuidados”, estaria Gama se referindo a um irmão? Se sim, por que Gama não citou esse irmão em sua Carta? Teria esse outro filho, sido separado de sua mãe,



assim como foi com Gama? Teria sua mãe levado seu irmão? Teria esse irmão vindo a falecer precocemente? Indagações que ainda não são passíveis de respostas comprovadas, o que muita se assemelha aos hiatos da existência e destino dessa mãe, de não somente um, mas de dois filhos, talvez.

No poema Gama também faz uma alusão à fé de Luísa Mahin nos versos (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p.21):

Se junto à cruz penitente,
A Deus orava contrita,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro.

Nesses versos Gama retrata uma mulher que ora a Deus em uma prece infinita, a mesma mulher que em sua carta é referida “[...] pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 17). Para Luiz Carlos Santos, em seu livro, Luiz Gama “poderíamos, quem sabe, creditar tais informações à licença poética, uma vez que tais informações encontram-se, até onde verificamos, apenas nesse poema” (SANTOS, 2010, p. 21). Vale ressaltar que Gama escreve esses versos, conforme relatado em sua carta, em um momento de desesperança; pela descrença de não mais encontrar sua mãe, o que nos permite presumir que esses versos são escritos sobre forte emoção.

Há ainda outra contradição ou uma aparente confusão de suas recordações. Em um trecho da Carta Gama diz ter tido a última notícia de sua mãe em 1862 e, em seguida, ele relata: “Nesse ano, 1861, voltando a São Paulo, e estando em comissão do governo, na vila de Caçapava, dediquei-lhe os versos [...]” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 18). Nota-se aí uma convergência nos anos em que ele a procurou pela última vez e obteve informações de seu desaparecimento. Apesar das informações contidas no poema que não estão presentes na carta, ou ainda dizeres contraditórios, entre poema e a carta ou as contradições presentes em um mesmo relato, o fato é que há em Gama, nesse momento marcante, a necessidade de escrever sobre sua mãe (seus feitos, beleza e amorosidade). Fazendo uso de uma licença poética, de suas lembranças individuais, que podem ter, ou não, lhe pregado peças ou de sua forte emoção, ou ainda de todos esses fatores juntos, Gama registra em seu poema lembranças de Luísa Mahin. Um poema que embora seja apresentado junto com a Carta, fora redigido no momento em que ele talvez temesse esquecê-la.

Segundo relato do próprio Gama, ele conviveu com sua mãe pelo período de sete anos, de 1830 a 1837, ao viajar ao Rio Janeiro ela não mais regressou. Apesar do pouco tempo de



convívio, Gama em sua carta descreve detalhes de sua fisionomia e ainda aponta traços de sua personalidade. Apesar de ter sido escrita quarenta e três anos após o desaparecimento de sua mãe, as informações na carta são apresentadas de maneira aparentemente precisa, e apesar da sua difícil verificação, essa precisão sugere um efeito de veracidade.

Gama cria, o que Ligia Fonseca Ferreira definiria como “uma aura mítica em torno de sua mãe, personagem que ganharia uma espécie de destino próprio, ficcional ou não” (FERREIRA, 2008, p. 306). Nesse sentido, a autora relaciona o termo “áurea mítica” ao fato de Luísa receber, na atualidade, atribuições e feitos sem comprovações históricas e até refutadas, como a participação na Revolta dos Malês em 1835. Tal atribuição se dá a partir do que Gama relata em sua Carta: “[...] e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram efeito” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 18). Os relatos de Gama sobre o envolvimento de sua mãe em “insurreições escravas”, reforçado pela riqueza de detalhes com a qual descreve as personagens e acontecimentos (datas, localizações, características físicas, traços de personalidades, entre outros), gera, como foi citado anteriormente, um efeito de veracidade e, conseqüentemente, uma crença na existência de Luísa Mahin, colocando-a entre os míticos heróis afro-brasileiros.

3 O ESQUECIMENTO DE UM PAI?

Na carta escrita por Luiz Gama há informações detalhadas sobre seu nascimento, infância e os acontecimentos na Bahia, rebeliões negras, entre 1830 e 1840. No documento, Gama se apresenta como filho de uma africana, Luísa Mahin, e um fidalgo português, de quem Gama teve certa cautela ao tratá-lo, diferença de tratamento evidente quando comparado com a naturalidade com que ele fala de sua mãe.

Meu pai não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: era fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Baía [*sic*] de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico; e nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas; a muito melhor baralho, amava as súcias e os divertimentos: esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e, reduzida à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, seu amigo inseparável e hospedeiro, que vivia de proventos de uma casa de taboagem na cidade da Baía [*sic*] estabelecida em um sobrado de quina, ao largo da praça, vendeu-me, como seu escravo, a bordo do patacho “Saraiva” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 17-18).



No trecho da carta “Meu pai não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade [...]” (GAMA *apud* SANTOS, 2010 p. 22), é perceptível a preocupação de Gama em não afirmar a cor de seu pai. Pode-se presumir que esse cuidado vinha da fragilidade que era ser negro no Brasil escravista e da necessidade de proteger sua condição de forro. Para Ligia Fonseca Ferreira, Gama tinha a difícil tarefa de “reverter sua frágil condição de escravo e reaver definitivamente sua liberdade” (FERREIRA, 2008, p. 307). Para abordar a cor do pai escreve sobre seu status social, afirmando ser filho de um pai fidalgo. Quando escreve “no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: era fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Baía [*sic*] de origem portuguesa” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 22), permite ao amigo presumir a cor desse pai, bem como é possível aos leitores posteriormente.

É importante ressaltar que Gama oculta o nome do pai, entretanto, não oculta seu nome completo: Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Luiz, segundo sua carta, nasceu livre e foi batizado aos 8 anos, período em que já estava aos cuidados somente do pai. É possível deste contexto, refletir que não ocultar esse sobrenome seria uma forma de preservar algum um vínculo com o pai, e, por conseguinte, sua memória. É relevante, entretanto, considerar o sofrimento desse filho ao ser reduzido à condição de escravo, vendido por dinheiro.

Michael Pollak (1989) em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, explica que quando se trata de silêncio, entre o “não dito” e o inconsciente reprimido, não se estabelece um limite definitivo, pelo contrário, existe aí um constante movimento. Para Pollak, “Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor [...]” (POLLAK, 1989, p. 3-15). Estabelece-se, explica Pollak, um contrato entre o que o indivíduo admite para si, e aquilo que ele não pode externar ao mundo. Talvez para Luiz Gama falar do pai não era apenas algo perigoso e ameaçador para sua condição de livre, mas também uma dor, ou ainda um saudosismo, dos quais não fosse fácil falar. Entretanto, as indagações aqui levantadas não carregam em si a necessidade de serem excludentes. O fato é que na Carta escrita por Luiz Gama a mensagem pode ser lida pelo que foi escrita no papel quanto nas entrelinhas, em outras palavras, Luiz relewa com o que diz e com o que silencia também.

4 LUÍSA MAHIN E O MOVIMENTO NEGRO



Sue A. S. Iamamoto, em 2017, apresentou o trabalho intitulado *Memória coletiva e movimentos sociais: um encontro de dois campos teóricos*. Neste trabalho a autora aborda a relação do conceito de memória social com os movimentos sociais e como eventos de recordação de acontecimentos históricos dramáticos trazem fortemente a necessidade de produção teórica sobre a importância da memória social.

Trazendo para discussão o sistema escravista no Brasil, segundo REIS; GOMES (2008), a escravidão foi um dos maiores empreendimentos comerciais e culturais da modernidade, estimando que para o Brasil vieram perto de 40% dos escravizados africanos, para serem submetidos a trabalho forçado em fazendas, minas, cidades, plantações, fábricas, cozinhas e salões. Para os autores “se estivermos conscientes dos níveis insuportáveis de barbarismos associado a escravidão no Novo Mundo, torna-se fácil entender a importância dos quilombos” (REIS; GOMES, 2008, p. 27-28), assim como é possível compreender outras formas de resistência e luta, como as empreendidas por Gama. Luiz Gama foi um importante agente na luta abolicionista e contra as opressões as quais os negros escravizados no Brasil eram submetidos. A exemplo de sua luta podemos citar uma fala de Gama, em um júri em Araraquara, interior de São Paulo, durante a defesa de um escravizado: “em verdade vos digo, afrontando a lei, que escravo que mata senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa” (GAMA *apud* SANTOS, 2010, p. 35). Para Iamamoto (2017) esses eventos históricos dramáticos, como, Segunda Guerra Mundial, Holocausto, Ditaduras Militares na América Latina, e tomando-se a liberdade de incluir na lista, a Escravidão no Brasil, “determinam um rompimento na forma como a memória coletiva passou a ser preferencialmente entendida nos estudos acadêmicos: ela já não se referia a eventos inspiradores do passado, mas sim uma forma de aprender as lições deste” (IAMAMOTO, 2017, p. 2).

A autora discorre que, a maior parte dos trabalhos que relacionam teorias de memórias e teorias de movimentos sociais tem o objetivo entender como os agentes sociais se estruturam para alcançar os projetos memoriais. É possível entender projetos memoriais como ações que fazem uso da memória, a fim de alavancar e manter uma determinada ideologia de um determinado grupo social. Nesse sentido, a memória é a motivação ideológica dos movimentos sociais dentro de um projeto de sociedade, marcado profundamente por um evento passado.

Para explicar o que são os agentes sociais, Iamamoto cita Elizabeth Jelin. Para quem, os agentes sociais são empreendedores memoriais que promovem e dedicam suas energias para um fim desejado. Esses empreendedores podem ser movimentos dos direitos humanos, como



também grupos de direita, vítimas, famílias e, dialogando com a abordagem deste artigo, o Movimento Negro. Neste caso, o fim desejado é o “reconhecimento social e a legitimidade política de uma (sua própria) interpretação ou narrativa sobre o passado” (JELIN *apud* IAMAMOTO, 2017, p. 4) e o papel desses empreendedores é substituir a memória “literal”, que é fortemente ligada, nesses casos, à traumas e repetições, pela “memória exemplar”, que se apresenta como uma orientação ética e política para ações no futuro (JELIN *apud* IAMAMOTO, 2017).

Dentro dessa discussão a construção do mito de Luísa Mahin, a partir dos fragmentos de memória de Luiz Gama, se torna uma memória exemplar de luta. Luísa Mahin é apresentada como uma mulher negra africana, que conquista sua alforria, entretanto não se acomoda com sua própria condição de livre. Luísa Mahin luta em insurreições negras na Bahia do século XIX, em defesa de seu povo. Quanto a mulheres negras, Silvio de Almeida (2019), na obra *Racismo Estrutural*, discorre que “mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade” (ALMEIDA, 2019, p. 67). Partindo dessa fala, levando para o campo ideológico e fazendo uso da historiografia como exemplificação, a figura da mulher negra sempre esteve ligada ao trabalho e ao sexo, criando um imaginário de que ela, tem vocação para o trabalho ou reduzindo essa mulher à objetificação. No campo educacional,

a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes (ALMEIDA, 2019, p. 65).

Luísa Mahin, portanto, atende a uma demanda do movimento negro, que busca o protagonismo negro, em especial, da mulher negra, valorizando seu papel enquanto agente de sua própria história e na história no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das palavras de Gama, mesmo sem comprovações históricas, surgiu Luísa Mahin, da necessidade desse filho em preservá-la como uma espécie de legitimação e reafirmação de sua identidade negra.

Os relatos de Gama sobre o envolvimento de sua mãe, reforçado pela riqueza de detalhes em sua Carta, e ainda em suas produções literárias, fez com que Luísa Mahin passasse



a existir, independente de comprovações históricas, por ocupar um lugar na memória. Ela passou então a integrar o quadro dos míticos heróis afro-brasileiros.

Luísa Mahin passou a atender uma demanda do movimento negro, carente de protagonistas na história do País, e em especial, das mulheres negras. Sua memória é evocada como exemplo de luta, representada na figura dessa mulher: uma negra africana, que mesmo após se fazer livre, não se contentou com a própria liberdade e lutou em insurreições negras na Bahia do século XIX, em defesa de seu povo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

FERREIRA, Ligia, Fonseca. **Luiz Gama por Luiz Gama**: carta a Lúcio de Mendonça. In: Teresa. *Revista de Literatura Brasileira*, n. 8/9; São Paulo, 2008, p. 300-321. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/653-luiz-gama-por-luiz-gama-carta-a-lucio-de-mendonca-ligia-fonseca-ferreira> . Acesso em: 16 dez. 2019.

GAMA, Luiz. **Carta autobiográfica de Luiz Gama**. Destinatário: Lúcio Mendonça. Salvador, 25 jun. 1880. 1 carta pessoal. Disponível em: 116741-Texto do artigo-214577-1-10-20160627 (1).pdf. Acesso em: 19 dez. 2020.

GOMES, F. S.; REIS, J. J. Introdução: uma história da liberdade. In: GOMES, F. S.; REIS, J. J. **Liberdade por um fio**: história dos Quilombos no Brasil. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 9-25.

IAMAMOTO, Sue A. S. **Memória coletiva e movimentos sociais**: um encontro de dois campos teóricos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., Caxambu, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SANTOS, Luiz Carlos. **Luiz Gama**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Enviado em: 09/01/2020
Aprovado em: 21/01/2021